

A ARTE DE AMAR NA ELEGIA I, 4 DE TIBULO

Mariza Mencialha de Souza

Resumo: A elegia floresceu em Roma no século de Augusto e teve como um de seus mais ilustres representantes o poeta Tibulo. Em seus versos elegíacos, o cantor de Délia aborda temas variados, como o amor, a vida campestre, a religião, dentre outros. A tradução e análise da elegia I, 4 servem de modelo para mostrar como o amor é concebido e vivido pelo poeta.

Palavras-chave: Tibulo, elegia, lirismo amoroso.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade traduzir e analisar, sob os pontos de vista estilístico, gramatical e literário, uma das elegias de Tibulo, a de número 4, do livro I. Para alcançar tal objetivo, centralizamos nossa abordagem na definição e natureza da elegia, assim como em alguns aspectos da vida e obra do autor.

Quanto às passagens de difícil tradução, adotamos as soluções que nos pareceram mais consentâneas com o espírito do original latino, sem deixar de levar em conta, ao mesmo tempo, sua equivalência em português, o que não significa ter sido nosso texto traduzido literalmente, uma vez que sofreu algumas adaptações.

2. TIBULO: VIDA E OBRA

Tibulo, poeta elegíaco que viveu no século de Augusto, nasceu provavelmente entre 60 e 54 a.C. e morreu em 19 ou 18 a.C. Pertencia a uma rica família de cavaleiros que possuía grandes extensões de terra em Pedana, região situada entre Tívoli e Preneste.

Parte de suas terras foram confiscadas e repartidas entre os vete-

ranos da guerra de Filipos, ocorrida em 41 a.C. É o que se deduz a partir da leitura da primeira elegia do livro I, na qual o poeta alude à sua *paupertas* e à redução de seus latifúndios. Entretanto, o que restou de suas propriedades foi suficiente para proporcionar ao poeta e à sua família uma vida digna e confortável.

Tibulo perdeu o pai, possivelmente, na infância, tendo vivido a partir de então na companhia da mãe e da irmã, que o criaram no campo, lugar que ficaria para sempre ligado a ele e à sua poesia.

Após receber a toga viril, por volta de 32 ou 31 a.C., Tibulo ingressou no exército, tendo de abandonar sua casa no campo para acompanhar o amigo Messala, ao lado de quem participou de diversas campanhas militares na Gália e no Oriente.

Como outros jovens poetas, foi também membro do círculo literário mantido por Messala, incentivador das letras e das artes, e aí teve oportunidade de compor suas elegias, reunidas posteriormente no que se denomina hoje *Corpus Tibullianum*.

Dentre os três livros que formam o *Corpus Tibullianum*, o primeiro e o segundo são atribuídos com certeza a Tibulo. O mesmo não ocorre com relação ao terceiro, que, apesar de possuir alguns poemas de sua autoria, é constituído, em sua maior parte, de versos escritos por outros poetas. Assim sendo, costuma-se atribuir a Tibulo apenas as elegias de número 8 a 12, bem como as duas últimas do referido livro, todas de temática amorosa.

Nos dois primeiros livros, compostos respectivamente de dez e seis poemas, Tibulo canta principalmente o amor, embora celebre também outros temas, como a paz (I, 10), o aniversário de Messala (I, 7), o sentimento nacional (II, 5), os deuses campestres e a religião (II, 1) e a data natalícia de dois amigos, Cornuto (II, 2) e Messalino (II, 5), filho de Messala.

Com relação às elegias amorosas, destacam-se no primeiro livro as dedicadas a Délia (1, 2, 3 e 6) e a Marato (4, 8 e 9), e no segundo, as consagradas a Nêmesis (3, 4 e 6), que volta a ser lembrada pelo poeta

na quinta elegia do segundo volume (v. 111). Falemos agora um pouco desses amores presentes nas composições lírico-amorosas de Tibulo.

Délia, pseudônimo de Plânia, segundo Apuleio, pertencia à classe média e era, provavelmente, uma mulher casada. Graciosa e bela, a jovem que Tibulo conheceu em Roma, em 31 a.C., tocou-lhe profundamente o coração, inspirando-lhe os mais puros e sinceros versos de amor.

Apesar de sua beleza física (Délia era loura, delicada e formosa), Tibulo não canta sua musa como amante, com quem desejasse ter apenas um romance passageiro. Não. Embora o poeta a deseje ardentemente, ele imagina Délia como se fosse de fato sua esposa. Tornando-a uma presença constante em seu espírito apaixonado e fantasioso, sonha com ela em todos os momentos: no lar, no campo, junto à família e até mesmo no momento de sua morte. Em suma, Délia se torna motivo de seus cuidados e preocupações (I, 5, 10).

Contudo, o poeta vê terminar essa fase de encantamento e, decepcionando-se com a infidelidade de Délia, que resolve trocá-lo por um marido rico, vai à procura de outros amores.

Após essa ruptura, à qual se refere no primeiro verso do poema I, 5, Tibulo passa então a cantar seu amor por Marato, jovem escravo, cujo nome não sabemos ao certo se era real ou fictício. A experiência amorosa aqui também não lhe foi menos amarga, pois Marato, tal como Délia, seduzido pelas recompensas financeiras oferecidas por um outro amante, acaba por abandonar o poeta.

Alguns anos mais tarde, depois de endereçar poemas amorosos a uma *puella innominata* (III, 19, 20), Tibulo passa a celebrar seu amor por Nêmesis, uma cortesã com a qual se vê envolvido em um novo idílio. Nêmesis, entretanto, se revela tão infiel quanto Délia e, como esta, parte em busca de riquezas e luxo. Não obstante a sinceridade e a dor de Tibulo, não se notam em seu romance com Nêmesis o mesmo ardor e a mesma paixão com que celebrara seu amor por Délia.

O amor em Tibulo associa-se também ao campo, pois é para este espaço bucólico, onde residem seus deuses, que ele transporta seu pen-

samento, ao imaginar-se junto de sua Délia. É nesse *locus amoenus* que o poeta encontra sua paz interior. Todavia, a paz que almeja, como sublinha Bignone: “(...) no es la paz ociosa del rico sino la paz laboriosa y fecunda del trabajador del campo”.¹

E porque busca a paz, Tibulo condena a guerra, preferindo a esta o amor. É o que confessa na seguinte passagem da elegia I, 1, v. 53-55:

Te bellare decet terra, Messalla, marique,
ut domus hostiles praeferat exuuias:

me retinent uinctum formosae uincla puellae.

A ti, ó Messala, convém guerrear, na terra e no mar,

para que a tua casa ostente os despojos inimigos:

a mim retêm, cativo, os vínculos de uma formosa mulher.

Quando não busca a paz no campo ou no amor, ou seja, no presente, o poeta a procura refugiando-se no passado. Daí evocar o paraíso mítico da idade de ouro, na qual lamenta não ter vivido, como revela nos seguintes versos:

Tunc mihi uita foret, Valgi, nec tristia nossem
arma nec audissem corde micante tubam.

(I, 10, 11-12)

Tivesse eu vivido naquele tempo, ó Válgio, não teria

conhecido as tristes armas, nem teria ouvido

com o coração palpitante a trombeta.

Além da paz, outra constante na poesia de Tibulo é o culto às divindades campestres. No entanto, esses deuses venerados pelo poeta em suas elegias não constituem figuras fictícias da literatura. Ao contrário, inserem-se nas tradições religiosas de seus antepassados e são invocados pelo poeta como entidades protetoras do lar e do campo. E não lhe falta aqui a mesma sinceridade de sentimento que expressara ao ce-

lebrar seu amor por Délia.

Embora tenha sido muito mais um poeta intimista, voltado, sobretudo, para o culto do amor, da natureza e da vida simples do campo, Tibulo não deixou de exaltar a pátria. Dedicou a Roma um poema, no qual canta suas origens e a lenda do Palatino (II, 5).

Apresentados os principais temas das composições poéticas de Tibulo, passemos a concluir esta parte, traçando as características de seu estilo. Prima Tibulo pela clareza de expressão e pela simplicidade da linguagem. E ao contrário de Propércio, emprega moderadamente as alusões mitológicas.

3. A TRAJETÓRIA DA ELEGIA

O termo *elegia* provém do grego *elegeía* e aparece pela primeira vez, no século V a.C., em Crítias. Não se sabe ao certo sua verdadeira pátria, mas supõe-se que ela tenha surgido na Ásia, pelo fato de ter sido cantada, originalmente, ao som da flauta, instrumento musical inventado provavelmente nesse continente.

Nos tempos modernos, a elegia constitui um gênero poético voltado para os temas amorosos, melancólicos e, inclusive, bucólicos, como no caso da elegia pastoril, sendo aí empregados ora o tradicional dístico elegíaco, ora a *terza rima*, ou o quarteto. Francisco Freire de Carvalho (*apud* MOISÉS, 1995:169) afirma:

(...) o assunto próprio da elegia são os sentimentos, especialmente dolorosos, (...) os despertados pela ausência, por um amor mal correspondido, pela perda da pátria, ou de quaisquer outros enlaces do coração.

Na Grécia antiga, a elegia não existia como gênero literário, mas sim como uma forma poética constituída de dísticos elegíacos, estrutura métrica composta de um hexâmetro e de um pentâmetro, que parece ter sido usada, inicialmente, nas lamentações fúnebres.

A partir do século VII a.C., o dístico elegíaco serviu como expressão de assuntos variados, não se restringindo apenas aos cantos fúnebres e melancólicos. Tirteu e Calino utilizaram a referida estrofe métrica para tratar de assuntos bélicos. Semônides, para cantar a pátria. Sólon e Focílides empregaram-na nos versos gnômicos, Mimnermo, nos poemas eróticos de cunho subjetivo, e Eurípides, nos monólogos patéticos de suas tragédias e nos lamentos fúnebres. O dístico elegíaco era ainda utilizado nos epitáfios, epigramas, feitos militares, nas celebrações religiosas, dedicatórias, sátiras, assim como para expressar os mais variados sentimentos da alma.

No período alexandrino, a elegia se torna uma das formas literárias prediletas, tendo como principais representantes Calímaco, Fileta, Euforíão, dentre outros, que se serviram do dístico elegíaco para compor, sobretudo, lendas mitológicas, trágicas ou tristes, muitas delas contendo elementos eróticos.

Esses poetas alexandrinos influenciaram, sobremaneira, a elegia romana. Contudo, como assegura Marmorale (s/d:243),

(...) a elegia romana ultrapassa-os, supera-os por uma maior expressividade e quase constitui uma nova forma de arte em Tibulo, Propércio, Ovídio e outros elegíacos dos quais se perderam as obras.

Com referência à citação acima, Cornélio Galo destaca-se como um dos autores elegíacos que tiveram suas obras perdidas. Ao aludir ao aspecto da originalidade da elegia amorosa latina, Grimal sublinha a importância da obra desse poeta, afirmando o seguinte:

C'est dans ses quatre livres d'élégies, intitulées peut-être
Lycoris, du nom qu'il donna à sa bien-aimée, l'actrice
Volumnia Cytheris, que commença de s'affirmer
l'originalité de l'élégie amoureuse romaine.²

Em Roma, a poesia elegíaca atinge seu auge no século de Augusto, período áureo da literatura latina. É aí, na capital do Império, ambiente propício, favorecido pela *pax romana*, que a elegia encontra solo fértil, sobretudo para o desenvolvimento do lirismo amoroso. A esse respeito, Paganelli tece o seguinte comentário:

L'élégie, c'est-à-dire le lyrisme de l'amour, a trouvé pour la première fois son expression complète à Rome; c'est là qu'elle s'est épanouie en chefs-d'oeuvre, telle une plante qui, dans un bon terrain, donne ses meilleurs fruits ou ses plus belles fleurs.³

Entretanto, o embrião da poesia elegíaca latina já se encontrava em três composições de Catulo: 65, 66 e 68, preparando assim o terreno para a poesia erótico-amorosa de Tibulo, Propércio e Ovídio.

Tibulo compõe elegias sentimentais celebrando, principalmente, o seu amor por Délia. Canta, em versos elegíacos, a paz, a religião, o campo, a natureza, criando assim uma atmosfera onírica, numa imaginação sem limites.

Propércio expande suas emoções nas elegias erótico-amorosas dedicadas a Cíntia, aliando o amor à mitologia. O poeta cede espaço também para os temas patrióticos, atendendo, desse modo, às aspirações da política de Augusto.

Ovídio, o último poeta dos elegíacos latinos, compõe também elegias amorosas, inovando o estilo com a força da retórica, como ocorre nas *Heróides*. Na obra *Amores*, canta seu romance com Corina, valorizando mais o aspecto objetivo da relação amorosa. Difere, portanto, do subjetivismo amoroso de Tibulo e de Propércio.

Após o exílio, entretanto, Ovídio imprime à sua lira um novo tom, passando a cantar elegias melancólicas, impregnadas de amargura e dor, como que anunciando o conceito moderno de elegia.

4. ELEGIA I, 4

“Sic umbrosa tibi contingant tecta, Priape,
ne capiti soles, ne noceantque niues:

quae tua formosos cepit sollertia? certe

non tibi barba nitet, non tibi culta coma est;

nudus et hibernae producis frigora brumae,

5

nudus et aestiui tempora sicca Canis.”

Sic ego; tum Bacchi respondit rustica proles

armatus curua sic mihi falce deus:

“O fuge te tenerae puerorum credere turbae:

nam causam iusti semper amoris habent.

10

Hic placet, angustis quod equum compescit habenis,

hic placidam niueo pectore pellit aquam;

hic, quia fortis adest audacia, cepit; at illi

uirgineus teneras stat pudor ante genas.

Sed ne te capiant, primo si forte negabit,

15

taedia; paulatim sub iuga colla dabit:

longa dies homini docuit parere leones,

longa dies molli saxa peredit aqua;

annus in apricis maturat collibus uuas,

annus agit certa lucida signa uice.

20

Nec iurare time: Veneris periuria uenti

inrita per terras et freta summa ferunt.

Gratia magna Ioui: uetuit Pater ipse ualere,

iurasset cupide quidquid ineptus amor;

perque suas impune sinit Dictynna sagittas 25
 adfirmes, crines perque Minerua suos.
At si tardus eris errabis: transiet aetas
 quam cito! non segnis stat remeatque dies.
Quam cito purpureos deperdit terra colores,
 quam cito formosas populus alta comas. 30
Quam iacet, infirmae uenere ubi fata senectae,
 qui prior Eleo est carcere missus equus.
Vidi iam iuuenem, premeret cum serior aetas,
 maerentem stultos praeteriisse dies.
Crudeles diui! serpens nouus exuit annos: 35
 formae non ullam fata dedere moram.
Solis aeterna est Baccho Phoeboque iuuentas:
 nam decet intonsus crinis utrumque deum.
Tu, puero quodcumque tuo temptare libebit,
 cedas: obsequio plurima uincet amor. 40
Neu comes ire neges, quamuis uia longa paretur
 et Canis arenti torreat arua siti,
quamuis praetexens picta ferrugine caelum
 uenturam amiciat imbrifer arcus aquam;
uel si caeruleas puppi uolet ire per undas, 45
 ipse leuem remo per freta pelle ratem.
Nec te paeniteat duros subiisse labores
 aut opera insuetas atteruisse manus;
nec, uelit insidiis altas si claudere ualles,

dum placeas, umeri retia ferre negent; 50
 si uolet arma, leui temptabis ludere dextra,
 saepe dabis nudum, uincat ut ille, latus.
 Tunc tibi mitis erit, rapias tum cara licebit
 oscula; pugnabit, sed tamen apta dabit;
 rapta dabit primo, post afferet ipse roganti, 55
 post etiam collo se implicuisse uelit.
 Heu! male nunc artes miseras haec saecula tractant:
 iam tener adsueuit munera uelle puer.
 At tu, qui uenerem docuisti uendere primus,
 quisquis es, infelix urgeat ossa lapis. 60
 Pieridas, pueri, doctos et amate poetas,
 aurea nec superent munera Pieridas:
 carmine purpurea est Nisi coma; carmina ni sint,
 ex umero Pelopis non nituisset ebur.
 Quem referent Musae, uiuet, dum robora tellus, 65
 dum caelum stellas, dum uehet amnis aquas.
 At qui non audit Musas, qui uendit amorem,
 Idaeae currus ille sequatur Opis
 et tercentenas erroribus expleat urbes
 et secet ad Phrygios uilia membra modos. 70
 Blanditiis uult esse locum Venus ipsa; querellis
 supplicibus, miseris fletibus illa fauet.”
 Haec mihi, quae canerem Titio, deus edidit ore:
 sed Titium coniunx haec meminisse uetat.

Pareat ille suae: uos me celebrate magistrum, 75

quos male habet multa callidus arte puer.

Gloria cuique sua est: me, qui spernentur, amantes

consultent; cunctis ianua nostra patet.

Tempus erit, cum me Veneris praecepta ferentem

deducat iuuenum sedula turba senem. 80

Heu! heu! quam Marathus lento me torquet amore!

Deficiunt artes, deficiuntque doli.

Parce, puer, quaeso, ne turpis fabula fiam,

cum mea ridebunt uana magisteria.

5. TRADUÇÃO

“Assim, ó Priapo, que os sombrios abrigos te protejam, para que nem o sol, nem a neve maltratem tua cabeça! Que arte tua seduziu os formosos (rapazes)? Certamente, tua barba não é bela, nem tu possuis uma cabeleira elegante. Nu, tu prolongas o frio do solstício de inverno; nu, (prolongas) também as estações secas da Canícula de estio”.

Assim (disse) eu: então, armado com uma foice recurvada, desse modo, respondeu-me o rústico deus, filho de Baco:

“Oh, não te fies na turba delicada dos jovens. De fato, eles sempre despertam um motivo de amor justo. Um agrada porque domina o cavalo em rédeas curtas; outro (porque) afasta de seu níveo peito a plácida água (do mar); este seduz porque uma forte audácia (o) favorece; aquele, por sua vez, (porque) conserva nas faces delicadas o pudor virginal.

Mas que não te domine o tédio se, por acaso, no princípio, (aquele que tu amas) não quiser. Pouco a pouco, ele curvará a cabeça sob o jugo: o tempo ensinou ao homem domar leões; o tempo consome as

rochas com a água contínua; o tempo amadurece as uvas nas colinas expostas ao sol; o tempo faz surgir na ocasião certa os astros luminosos.

Não tenhas medo de prestar juramento: os ventos transportam os inúteis perjúrios de Vênus pelas terras e pelo alto mar. Muitas graças (sejam rendidas) a Júpiter. Ele próprio, o pai (dos deuses), anulou qualquer juramento que um amor insensato prestasse com paixão. Afirmar-se também que, por suas setas, Dictina (te) permite (jurar) impunemente, e Minerva, por suas madeixas.

Mas se fores vagaroso, cometerás um erro: a juventude passará. (E) quão rápido! O tempo não permanece parado, nem volta. Quão rápido a terra perde (suas) cores cintilantes! Quão rápido o elevado choupo (perde) (sua) bela folhagem. Quão (rápido) se abate, quando chegam os dias da velhice débil, o cavalo que (outrora) foi lançado vencedor da barreira da Élida. Eu já vi um jovem que, ao chegar à velhice, lamentava-se de ter passado (sua) vida na inércia. Deuses cruéis! A serpente muda de pele, (mas) fica velha: o destino não concedeu para a beleza demora alguma. Sozinhos, Baco e Febo desfrutam uma juventude eterna: com efeito, uma enorme cabeleira convém a um e a outro deus.

Tu, permite ao teu jovem fazer tudo aquilo que lhe der vontade: com a complacência, o amor conquistará muitas (vitórias). Não te recuses a acompanhá-(lo), ainda que o caminho pareça longo, e (ainda que) a Canícula queime as planícies com um desejo abrasador, ainda que o céu (esteja) encoberto por uma nuvem negra, (ainda que) o céu pluvioso se cubra com a chuva que há de vir. Se ainda ele desejar passear na popa do navio pelas ondas azuis, tu próprio impele com o remo a leve embarcação pelo mar. Não te arrependas de haver suportado pesados serviços ou de ter estragado as (tuas) mãos não-habituadas ao trabalho.

Caso ele deseje fechar com barragens os vales profundos, não recusem (teus) ombros levar a rede, contanto que tu (lhe) agrade. Se ele desejar os combates, tenta travá-(los) com mão ligeira; frequentemente oferece-(lhe) (teu) flanco nu para que ele (te) vença. Então ele será fácil

para ti, então será lícito que tu (lhe) roubes caros beijos; ele resistirá, contudo (te) dará os (beijos) desejados. Primeiramente, ele dará (beijos) roubados, depois ele próprio (os) concederá (a ti), que pedes; depois, certamente, desejará enlaçar-se ao (teu) pescoço.

Ah! (Como) estas gerações agora tratam mal as míseras artes! Agora o jovem rapaz habituou-se a exigir presentes. Mas tu, que, como primeiro, aprendeste a vender o amor, quem quer que tu sejas, que uma pedra fatal destrua (teus) ossos! Ó jovens, amai as Piérides e os doutos poetas! Que os presentes de ouro não superem as Piérides! O cabelo púrpuro de Niso descende da poesia; se não fosse a poesia, o marfim não brilharia sobre o ombro de Pélops.

(Aquele) a quem as Musas cantarem, viverá, enquanto a terra (possuir) carvalhos, enquanto o céu (possuir) estrelas, enquanto o rio conduzir (suas) águas. Mas aquele que não ouve as musas, (aquele) que vende o amor, que siga os carros de Ops, a (deusa) do monte Ida, e perfaça trezentas cidades errando e tenha os desprezíveis membros desconjuntados ao ritmo (das danças) frígias. Vênus, ela própria, deseja que as doces palavras possuam (seu) lugar; ela se interessa pelas queixas dos suplicantes, pelas (suas) tristes lágrimas.”

Eis (as palavras) as quais o deus proferiu (e pediu)-me que anunciasse a Tício. Mas a esposa (de Tício) o proíbe de lembrar estas (coisas). Que se submeta ele (às ordens) de sua (mulher): vós, aos quais um jovem ardiloso tortura com tão grande arte, tomai-me por (vosso) mestre. Cada um possui sua glória. Que me consultem os amantes que serão desdenhados; minha porta está aberta a todos. Chegará o momento em que, tendo me tornado velho, a multidão dos jovens seguirá (minhas) diligentes lições de Amor.

Ah! Ah! Como Marato me tortura com (seu) amor demorado! Faltam-(me) os artifícios, faltam-(me) também as manhas. Poupa-(me) (disso), ó jovem, suplico, para que eu não me transforme numa fábula vergonhosa, quando rirão de meus inúteis conselhos.

6. ANÁLISE

Percebemos logo no primeiro verso, com o emprego do vocativo *Priape*, que Tibulo se dirige ao deus Priapo. Primeiro, para lhe formular um desejo, expresso através dos subjuntivos optativos *contingant* (v. 1) e *noceant* (v. 2). Depois, para saber com que arte ele conquistou os formosos rapazes (v. 3). E aqui a beleza física, que poderia constituir um dos artifícios do deus, é negada pelo poeta (v. 4-6), com respaldo na mitologia, segundo a qual o rústico filho de Baco (v. 7) encontra-se descrito por Spalding (1965:217) da seguinte forma:

Deus dos jardins. Conforme alguns, Priapo era filho de uma Ninfa. Segundo a opinião mais comum, Vênus, indo ao encontro de Baco, que retornava triunfante da Índia, encontrou-se com o deus e ficou algum tempo em sua companhia. Priapo foi o fruto dessa entrevista. Juno, invejosa de Vênus, fê-lo nascer com horrível deformidade. Vênus, envergonhada de ter dado à luz semelhante monstro, mandou-o para Lâmpsaco, para que o criassem e educassem longe dela. (...). De Lâmpsaco, cidade da Mísia, sobre o Helesponto, o culto de Priapo passou para Roma. Priapo, para os Romanos, tornou-se o deus dos jardins, dos pomares e dos vergéis. Divindade grosseira e de fealdade repugnante, jamais foi popular entre os Gregos; os Romanos, porém, grandes latifundiários, deram-lhe a maior importância: colocavam sua imagem sobre um soco, a fim de vigiar os pomares. Sua figura era espantosa: chifres de bode, orelhas de cabra, uma vara ou uma maçã nas mãos, com o rosto contraído num esgar ameaçador. Para completar o efeito, sujavam-no de vermelhão,

por meio de cinabre ou de m nio.  s vezes, punham ao p  instrumentos de jardinagem.

Após ouvir o poeta, Priapo, abrindo caminho para a *Ars amatoria*, de Ovídio, passa, então, a ensinar como conquistar os formosos rapazes.   o que vamos notar a partir do verso 9 até o 72, nos quais, utilizando-se de um engenhoso artifício, Tibulo põe na boca do deus palavras que, na verdade, retratam suas próprias li es de amor.

Em sua primeira advertência, feita através do imperativo negativo *fuge te credere* (v. 9), Priapo recomenda não confiar nos jovens, pelo fato de serem eles dotados, devido   sua natural graciosidade, de um envolvente poder de sedu o. Essa idéia, resumida no verso 10 e reforçada pelos verbos *placet* (v. 11) e *cepit* (v. 13), encontra-se desenvolvida pelo deus nos versos 11 a 14, nos quais, alternando afirmativas iniciadas pelo pronome anafórico *hic*, ele descreve diversas a es, mostrando os diferentes atributos que motivam no jovem seu poder de atra o. Dentre estes, Priapo destaca, de um lado, a coragem (v. 11-12) e, de outro, a ousadia (v. 13) e a beleza física (v. 14), esta última simbolizada pelos sintagmas nominais *niueo pectore* (v. 12) e *teneras genas* (v. 14).

Contudo, não obstante as dificuldades e a resistência da pessoa amada, o filho de Baco, mudando de pensamento, como exprime a conjun o *sed* (v. 15), encoraja o poeta a persistir no seu objetivo. Sua receita se fundamenta, portanto, na tenacidade, da  o conselho registrado nos versos *ne te capiant, primo si forte negabit/taedia* (v. 15-16).

Priapo adverte também, na série de *exempla* tomados de empréstimo   natureza e assinalados pela seq ncia de anáforas *longa dies* e *annus* (v. 17-20), que toda conquista, seja ela qual for, constitui um processo lento e gradativo, exigindo, por isso, paciência e amadurecimento. E, ao empregar em posi o de destaque o advérbio *paulatim* (v. 16), mostra que o mesmo ocorre com a conquista amorosa.

Acrescente-se ainda que, para sublinhar a submissão total do jovem a ser conquistado, Priapo emprega o verbo *dabit* (v. 16). No con-

texto da natureza, essa idéia se traduz também pelo emprego dos verbos *parere* (v. 17) e *peredit* (v. 18).

Continuando seus conselhos, Priapo volta a encorajar o poeta, agora, estimulando-o a externar sua paixão através das juras de amor. Diz ele, então, empregando o imperativo negativo: *nec iurare time* (v. 21). Para induzi-lo a jurar sem temor, mostra nos versos 21 a 26, com exemplos extraídos da mitologia, que nada lhe acontecerá se fizer juramentos à pessoa amada. Mas o deus alerta o poeta a fazê-los enquanto for jovem.

Por isso, à semelhança do que pregou Horácio em suas odes, Priapo recomenda ao cantor de Délia aproveitar a juventude, advertindo que ela passa tão rápido quanto o tempo (v. 27-28) e, como ele, não tem retorno, não pode ser recuperada.

Mais adiante, empregando anaforicamente o sintagma adverbial *quam cito* (v. 28-30) e as formas verbais *deperdit* (v. 29), *iacet* (v. 31), *premeret* (v. 33), *exuit* (v. 35), Priapo chama a atenção para a rapidez com que o tempo destrói a natureza e o homem, tirando-lhes o vigor e a beleza a cada dia que passa. Essa idéia, desenvolvida desde o verso 29 até o 35, encontra-se sintetizada na seguinte passagem: *formae non ullam fata dedere moram* (v. 36). O deus sublinha também que a juventude eterna constitui um privilégio de Baco e de Febo (v. 37-38).

A complacência, tema desenvolvido a partir do verso 39 até o 52, como sugere, de um lado, o emprego dos verbos *cedas* (v. 40) e *placeas* (v. 50) e, de outro, o do substantivo *obsequio* (v. 40), constitui outro artifício recomendado pelo deus ao poeta para que ele triunfe no amor.

Por esse motivo, empregando ora o imperativo afirmativo: *cedas* (v. 40), *pelle* (v. 46), *temptabis* (v. 51), *dabis* (v. 52), ora o negativo: *neu comes ire neges* (v. 41), *nec te paeniteat* (v. 47), *nec negent* (v. 49-50), Priapo aconselha o poeta a satisfazer todos os desejos da pessoa amada (expressos pelas formas flexionadas do verbo *uolle*), quer enfrentando obstáculos, como os descritos nas orações adverbiais concessivas, introduzidas pela conjunção anafórica *quamuis* (v. 41-44),